

ATAQUES EM ESCOLAS E O DISCURSO DE ÓDIO ENTRE JOVENS: IMPACTOS E REFLEXÕES

ATTACKS ON SCHOOLS AND HATE SPEECH AMONG YOUNG PEOPLE: IMPACTS AND REFLECTIONS

AGRESIONES EN LAS ESCUELAS Y DISCURSO DEL ODIO ENTRE LOS JÓVENES: REPERCUSIONES Y REFLEXIONES

Marcela de Oliveira Nunes¹

Resumo

Na historiografia da violência, os registros de ataques às escolas eram episódios fortuitos. Contudo, constata-se um aumento progressivo desse tipo de violência a partir de 2017, resultando em 49 ataques. Pesquisar sobre esses atentados cometidos por jovens requer compreender as distintas dimensões da violência na escola e, em particular, a relação entre o discurso de ódio e a juventude brasileira. As explicações acerca dos ataques ora incide sobre as práticas de bullying, ora sobre o acesso a armas de fogo; outrossim, a participação dos jovens em grupos extremistas desponta como um elemento a ser problematizado. Cientes da complexidade desse fenômeno, essa análise buscou investigar os ataques escolares brasileiros e foi subsidiada pelos preceitos de Peter Gay no que tange ao cultivo do ódio, da tese de Adriana Dias sobre a formação do sujeito nos grupos neonazistas e pelas reflexões a respeito dos tiroteios escolares de Glenn Muschert e Johanna Sumiala para avaliarmos os episódios de Realengo, Suzano, Barreiras, Aracruz e Cambé. Essa pesquisa, de natureza exploratória e qualitativa, se amparou em métodos amplos, desde uso de fontes secundárias (documentais) aos materiais confeccionados pelos jovens perpetradores. Nos casos avaliados, estes indivíduos se valeram das práticas de *copycat crimes*, enaltecendo a tragédia de Columbine e fazendo apologias ao nazismo. Constata-se uma miscelânea de discursos de ódio, alinhavados por princípios de misoginia, refletindo a cooptação desses jovens por atores antidemocráticos em grupos na internet. Os ataques escolares nos alertam sobre a necessidade de problematizarmos os caminhos da cultura juvenil e o estabelecimento de políticas públicas eficazes na moderação das redes e mídias sociais que violam os direitos humanos.

Palavras-chave: violência escolar; ataques às escolas; discurso de ódio; juventude

Abstract

In the historiography of violence, records of school attacks were fortuitous episodes. However, there has been a progressive increase in this type of violence since 2017, resulting in 49 attacks. Researching these attacks committed by young people requires understanding the different dimensions of school violence and, in particular, the relationship between hate speech and Brazilian youth. The explanations for the attacks sometimes focus on bullying practices, sometimes on access to firearms; moreover, the participation of young people in extremist groups emerges as an issue to be problematized. Aware of the complexity of this phenomenon, this analysis sought to investigate Brazilian school attacks and was based on Peter Gay's precepts regarding the cultivation of hatred, Adriana Dias's thesis on the formation of the subject in neo-

¹Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pesquisadora no Núcleo de Estudos de Violência da Universidade de São Paulo (USP). Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-6722-6456>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8492962509370080> E-mail: marcela.csociais@gmail.com

Nazi groups, and reflections on school shootings by Glenn Muschert and Johanna Sumiala to assess the episodes in Realengo, Suzano, Barreiras, Aracruz, and Cambé. This exploratory and qualitative research relied on broad methods, ranging from the use of secondary (documentary) sources to materials produced by the young perpetrators. In the cases analyzed, these individuals engaged in copycat crimes, glorifying the Columbine tragedy and making Nazi apologies. A mixture of hate speech was observed, intertwined with principles of misogyny, reflecting the co-optation of these young people by anti-democratic actors in online groups. School attacks alert us to the need to critically examine youth culture and establish effective public policies to regulate social media and online platforms that violate human rights.

Keywords: school violence; attacks on schools; hate speech; youth

Resumen

En la historiografía de la violencia, los registros de ataques a escuelas eran episodios fortuitos. Sin embargo, se observa un aumento progresivo de este tipo de violencia desde 2017, resultando en 49 ataques. Investigar estos atentados cometidos por jóvenes requiere comprender las distintas dimensiones de la violencia escolar y, en particular, la relación entre el discurso de odio y la juventud brasileña. Las explicaciones sobre los ataques a veces se centran en las prácticas de acoso escolar, otras en el acceso a armas de fuego; además, la participación de los jóvenes en grupos extremistas surge como un elemento que debe ser problematizado. Conscientes de la complejidad de este fenómeno, este análisis buscó investigar los ataques escolares brasileños y se basó en los preceptos de Peter Gay sobre el cultivo del odio, la tesis de Adriana Dias sobre la formación del sujeto en los grupos neonazis y las reflexiones sobre los tiroteos escolares de Glenn Muschert y Johanna Sumiala para evaluar los episodios en Realengo, Suzano, Barreiras, Aracruz y Cambé. Esta investigación, de carácter exploratorio y cualitativo, se apoyó en métodos amplios, desde el uso de fuentes secundarias (documentales) hasta los materiales elaborados por los jóvenes perpetradores. En los casos analizados, estos individuos recurrieron a prácticas de *copycat crimes*, enalteciendo la tragedia de Columbine y haciendo apologías al nazismo. Se observa una mezcla de discursos de odio, entrelazados con principios de misoginia, reflejando la cooptación de estos jóvenes por parte de actores antidemocráticos en grupos en línea. Los ataques escolares nos alertan sobre la necesidad de problematizar los caminos de la cultura juvenil y establecer políticas públicas eficaces para la moderación de redes y medios sociales que violan los derechos humanos.

Palabras clave: violencia escolar; ataques a escuelas; discurso de odio; juventud

Introdução

Os conceitos de juventude e adolescência, além de não serem apreendidos de forma uníssona entre as diferentes áreas do conhecimento, estiveram, ao longo da história recente, relegados a compreensões bastante estigmatizantes Quiroga e Vitalle (2013). Por vezes, a adolescência foi considerada uma fase da vida estritamente vinculada à noção de crise, e, quando não, somente um período de transição para a vida adulta. Conforme as representações e estudos acerca da juventude se amplificam nos campos da psicologia, sociologia e educação, essa camada populacional passa a ser compreendida com maior esmero e a partir de suas singularidades.

Dentre as particularidades que perpassam a formação identitária dos jovens, inegavelmente, encontra-se a violência – seja sob a forma de agentes ou vitimados por ela. Wieviorka (1997), ao redimensionar o conceito de violência, destaca a necessidade

de novos esforços analíticos quanto às formas hodiernas da violência. Se, no começo do século XX, a prevalência era da violência de ordem “política” pela instrumentalização do próprio Estado, resultando em conflitos e guerras, na atualidade as violências se difundem por meio de outros agentes, incluindo os jovens.

Entre os estudiosos brasileiros que se debruçaram inicialmente a pensar as interseções entre criminalidade e juventude, bem como entre violência e escola, articuladas com a noção de juventude, destacam-se os trabalhos de Guimarães (1990), Adorno (1992), Zaluar (1992, 2001), Abramovay (1990), Sposito (1998) e Schilling (2004). Na década de 1990, as análises versavam sobre o não acesso à escola como um direito violado, as formas de violência escolar (patrimonial, conflitos interpessoais, violência simbólica) e as culturas juvenis associadas ao uso da violência, expressas na formação das gangues e na atuação dos carecas e skinheads (França, 2008), que, por vezes, perpassam o cotidiano escolar.

Somente nos anos 2000, com o início da popularização dos estudos acerca do *bullying* na escola, ampliou-se a discussão a respeito da violência escolar como um problema social. Ao passo que as condutas de violência no ambiente escolar deixam de ser naturalizadas ou pormenorizadas, sob a desarrazoada ideia de “brincadeira”, o racismo, o machismo, a homofobia e demais práticas discriminatórias são assimiladas como um grande entrave para a formação das crianças e jovens, comprometendo diretamente o processo de ensino aprendizagem (Sposito, 2001).

Concomitante ao movimento de pensar sobre as distintas violências que acometem aos jovens nas escolas, iniciam-se no país os primeiros episódios de violência extrema nas instituições, os chamados ataques escolares². Embora tais ataques possam ser lidos como uma forma de violência na escola, conforme defende Vinha (2023), é importante ressaltar que superam a lógica ordinária das violências escolares ao perpetrar a ideia de morte e eliminação entre os sujeitos, transpondo as violências triviais resultantes exclusivamente dos conflitos escolares. Isso porque envolvem agentes externos

² O texto em questão não pretende discutir sobre as tipificações dos crimes a que responderam ou respondem esses adolescentes e jovens adultos, por isso, ao longo do texto, denominaremos essas violências praticadas por atentados, ataques ou massacres.

(membros de grupos e fóruns extremistas) com pautas ideológicas distintas e são ações elaboradas previamente por semanas, meses e, em alguns casos, mais de um ano.

Ademais, a imprevisibilidade de um novo ataque e as ameaças crescentes divulgadas pelas mídias e em redes sociais entre os jovens acabam subsumindo o ambiente escolar à uma lógica de terror mais ampla, adensada pela propagação de discursos de ódio e exaltação da violência.

Na literatura internacional não há um consenso sobre a definição de atentado escolar. Alguns autores questionam se esses eventos são formas de atentados em massa, enquanto outros advogam sobre a necessidade de uma classificação específica. O sociólogo Glenn Muschert (2007) realizou uma revisão sistemática, a fim de compreender melhor o fenômeno. Para o autor, os atentados que ocorrem contra ou nas escolas são de ordens distintas, envolvendo o uso de armas de fogo e devendo ser pensados a partir da posição do perpetrador diante da escola e de suas supostas motivações. Muschert (2007) estabelece a seguinte tipologia: *Rampage shootings* (Tirroteios em série), *Mass murders* (Assassinatos em massa), *Terrorist attacks* (Ataques terroristas), *Targeted shootings* (Tirroteios direcionados) e *Government shootings* (Tirroteios governamentais) (p. 62, tradução nossa).

Nas formas de tirroteios em série e tirroteios direcionados, os perpetradores são membros ou ex-membros escolares (alunos/funcionários) e, para Muschert (2007), esta é uma modalidade de ataque que busca atingir a instituição educacional e seus sujeitos, justamente pela dimensão simbólica, com o objetivo de demonstrar um poder diante da comunidade. Já a modalidade *targeted shooting* define o conjunto dos ataques em que o objetivo é a retaliação, vitimando pessoas previamente escolhidas, em decorrência de uma percepção de abuso ou tratamento inadequado por parte do agressor em um histórico anterior envolvendo atirador e vítima.

É salutar destacar que as elaborações de Muschert surgem após o Massacre de Columbine, ocorrido em 1999 na *Columbine High School* no estado de Colorado (EUA), e são contribuições relevantes, entretanto, como veremos adiante, não contemplam a totalidade do fenômeno e as especificidades dos ataques brasileiros contemporâneos, marcados pela presença de atores externos (mentores intelectuais e fomentadores de

grupos extremistas) e o uso de armas brancas. Em nossa análise, compreendemos que, para configurar um ataque à escola, não é necessária a incidência de vítimas fatais, pois a execução e a intencionalidade independem do número de vítimas.

A partir desse panorama mais geral do fenômeno, o objetivo deste trabalho é analisar sociologicamente os atentados³ ocorridos em Realengo, Suzano, Barreiras, Aracruz e Cambé, avaliando-os através de campos teóricos dialógicos como a História Social e Antropologia.

Para realizar o mapeamento dos ataques às instituições de ensino brasileiras, partimos da tabela inicial "Ocorrência de ataques de violência extrema às escolas no Brasil (2002-2023)", presente no Relatório Final - Ataques às Escolas no Brasil: Análise do Fenômeno e Recomendações para a Ação Governamental (2023). A partir dessa base, ampliamos e atualizamos os casos de ataques por meio das seguintes fontes de dados: material da imprensa, relatórios de organizações de ativistas digitais, informativos do Ministério Público, informativos da Polícia Civil, dados da Justiça, relatórios de outros grupos de pesquisa, além dos materiais produzidos pelos autores dos atentados.

A fundamentação teórica para a análise das manifestações de ódio e dos discursos produzidos pelos autores dos ataques baseou-se nos preceitos históricos apresentados por Gay (2001) sobre o cultivo do ódio na experiência burguesa, que fixou uma espécie de tríade, que conjuga a ideologia de uma superioridade natural, o culto à masculinidade e a constituição de um "Outro conveniente", isto é, uma construção social que confirma a suposta superioridade de um grupo sobre os outros. Já as reflexões de Dias (2018), ao analisar a noção de pessoa elaborada no interior de grupos neonazistas, contribuíram para entendermos a adesão dos perpetradores aos apologistas do neonazismo.

A discussão contemporânea de Muschert (2007), Larkin (2009) e Sumiala (2012), fruto das interseções dos estudos da sociologia e comunicação, permitiu localizar os atentados escolares numa dimensão global, em que uma parcela da juventude comunga

³ Como ataques escolares constituem episódios de violência extrema envolvendo adolescentes e grupos de ódio, serão apresentados dados sensíveis e trechos de documento que estão sob sigilo, no entanto, não citaremos os endereços (link) de acesso a materiais de apologia nazista e dos manifestos dos perpetradores, a fim de não estimular a prática de *copycat crimes*.

e legitima formas extremas de violência, com os ataques alçando o status de atos de violência social que incorporam uma série de questões sociais inter-relacionadas: “uma crise da masculinidade ocidental, uma cultura de armas descontrolada e uma mídia comercial globalizada que projeta imagens normativas de masculinidade violenta e transforma assassinos em celebridades” (Muschert & Sumiala, 2012, p. 25). Do global ao local e com maior incidência em países de tradição ocidental, os ataques escolares passam a vigorar na paisagem das violências contemporâneas, envolvendo, de diferentes maneiras, uma parcela da juventude.

A historiografia dos ataques às escolas brasileiras

O primeiro registro de um ataque em escola foi no ano de 2001 na cidade de Macaúbas (BA). Na historiografia dos massacres escolares, esse é o caso de menor cobertura midiática, resultando em dados incipientes sobre o contexto e as possíveis motivações do autor - um jovem de 18 anos, morador da zona rural e ex-aluno da Escola Estadual Aloysio Short. O indivíduo em questão pulou o muro do estabelecimento munido de uma espingarda, foi em frente a uma sala e atirou de forma aleatória, ferindo sete pessoas. Conforme o pânico foi tomando conta do local, ele se evadiu e, de acordo com relatos policiais da época, se suicidou em seguida. Não há qualquer informação advinda de fontes oficiais, indicando se o jovem sofria de algum transtorno psiquiátrico, mas testemunhas e uma sobrevivente da época afirmam que o alvo era uma professora da instituição. A tentativa de homicídio foi tomada como um fato isolado, perpetrado numa cidade pequena e sem quaisquer conexões com a chamada “violência escolar”.

No ano seguinte, também no estado da Bahia, na capital Salvador, um adolescente de 17 anos, munido de uma arma de fogo, atirou durante a aula em duas colegas de sala, levando-as a óbito. Essa tragédia ocorreu em um colégio particular e poucas menções acerca do inquérito foram publicadas na época. Conforme relatos de testemunhas para portais de notícias, o jovem estava insatisfeito com uma nota atribuída pelas duas jovens num evento e havia manifestado seu desejo de matá-las.

O terceiro caso ocorreu no ano seguinte, em 2003, na Escola Estadual Coronel Benedito Ortiz em Taiúva (SP). Diferentemente dos casos anteriores, esse ataque teve

mais informações do inquérito publicizadas, bem como foi objeto de trabalhos acadêmicos. O autor do atentado, um jovem de 18 anos recém-formado no colégio, adentrou a instituição e começou a atirar aleatoriamente em alunos, em um funcionário e na própria diretora. Ao todo, oito pessoas ficaram feridas e o autor do ataque se suicidou. Conforme testemunhas, familiares e informações dadas pela polícia, o jovem era alvo de violência na escola há muito tempo. Ele era descrito como um ótimo aluno na relação com os professores, mas que sofria constantes humilhações por colegas da turma em decorrência do seu sobrepeso e da origem dos pais - um casal de idosos e trabalhadores rurais. Convém salientar que esse *bullying* sistemático foi interpretado pelo corpo escolar como “brincadeiras”.

Ele era bom com espingarda de chumbinho." "Edimar era gente fina, mas bastante zoadado, até por mim, e nem existia o termo bullying naquela época", diz Belesso, confirmando que o amigo adorava o líder nazista Adolf Hitler. E que, por causa do porte físico, era apelidado de Elefante cor-de-rosa, Pikachu e Vinagrão (por tomar vinagre na tentativa de emagrecer). Ele até cita que a direção da escola teria sido alertada sobre ameaças de Edimar em plena sala de aula, mas que, por Taiúva ser cidade pacata, com 5.447 habitantes, isso não preocupou (Bras, 2011, s/p).

Outro dado importante apontado pela mãe foi a mudança abrupta de comportamento do jovem, que passou a adotar uma postura introspectiva e de maior isolamento no quarto, bem como a fazer menções glorificando a figura de Adolf Hitler, além das leituras de livros que abordassem sobre o líder nazista (Azevedo, 2013).

Após esse atentado, teremos um hiato de sete anos na historiografia dos ataques escolares. Lamentavelmente, o próximo episódio ficaria registrado nos anais da história como o Massacre de Realengo. Esse ataque é o segundo maior em número de vítimas, ficando atrás apenas do ocorrido na Creche Gente Inocente em Janaúba (MG) em 2017, vitimando 10 crianças e 3 professoras. Todavia, o atentado de Realengo, seguido pelo de Suzano, foram os episódios de maior cobertura midiática e que ocupam lugar de destaque na memória coletiva. Esse fatídico massacre revela a complexidade de se analisar as diferentes fontes e os elementos que compõem um atentado dessa natureza: a vida pregressa dos executores, a rede de comunicação e articulação com outros fomentadores e mentores intelectuais, os materiais produzidos ao longo do planejamento dos ataques e,

por fim, mas não menos importante, a própria ação no dia do crime. Todos esses elementos são forjados numa dualidade subjetiva-objetiva, que, para ser examinada sociologicamente, precisará partir de diferentes perspectivas teóricas que se complementam.

Panoramicamente, do primeiro caso registrado, em 2001, até o segundo semestre de 2024, foram 49 ataques às escolas brasileiras. Dados factíveis delineiam o seguinte: 48 ataques foram cometidos por pessoas do sexo masculino, majoritariamente brancas, ou lidas socialmente como brancas. A maior parte dos autores eram adolescentes ou jovens adultos advindos de estratos sociais mais pobres, com exceção dos sujeitos das escolas privadas, que eram provenientes de classe média baixa.

De forma abrangente, da totalidade dos atentados levantados⁴, um total de 53 pessoas estiveram envolvidas na condição de feitores, isto é, estavam presentes no dia da ação (mentores intelectuais estão excluídos do cômputo). Desse total, 64,1% eram adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos, já 28,3% eram jovens adultos entre 18 e 25 anos, além do registro de uma criança de 10 anos como autora. É preciso considerar também a prevalência dos ataques em instituições públicas: foram 40 episódios.

Outro dado significativo é o perfil das vítimas: o maior número de pessoas vitimadas e feridas é do sexo feminino, entre alunas, professoras e funcionárias. Ao analisar as fontes oficiais (perícias e informes da polícia civil) e as divulgações de portais de notícias com testemunhas, observa-se uma escolha deliberada dos perpetradores em vitimar meninas e mulheres. Em muitos dos ataques, os executores pouparam as pessoas do sexo masculino, optando por direcionar a violência aos alvos femininos.

As evidências das investigações confirmam que parte desses autores expressaram, previamente, conteúdos misóginos em grupos extremistas, *posts* em redes sociais e até mesmo em manifestos. Indubitavelmente, a questão de gênero e o ódio a tudo que representa o “feminino” e ao feminismo são elementos-chave na análise sobre esses perpetradores, mas também acerca das formas como os jovens estão se socializando no

⁴ Mapeamento realizado pela pesquisa de Pós-doutorado Violência na escola: estudo sobre a genealogia dos ataques (USP/NEV- Processo:2024/01677-9/FAPESP).

país e constituindo suas identidades. Essa predileção por vitimar mulheres também é um padrão constatado em outros tiroteios pelo mundo, conforme apontam Larkin (2009) e Tonso (2009). Em um dos casos mais emblemáticos ocorridos no Canadá em 1989, o perpetrador chegou a separar os estudantes por sexo, para depois exterminar as garotas da sala.

Para a análise dos ataques promovidos em Realengo, Suzano, Barreiras, Aracruz e Cambé, é necessária a descrição, mesmo que sucinta, das dinâmicas de cada um dos ataques, especificando o *modus operandi*, além de um breve perfilamento dos sujeitos envolvidos e dos seus respectivos discursos, no intento de identificarmos a existência de padrões entre esses jovens e possíveis peculiaridades de cada ataque. É importante destacar que, como são casos de violência extrema envolvendo adolescentes, são dados sensíveis e que por vezes estão sob sigilo. Logo, nossa coleta partiu das publicações de imprensa, relatórios de grupos de pesquisa e dos inquéritos policiais divulgados, cientes da possibilidade de lacunas nesse mapeamento, visto o não acesso integral a todos os processos.

Cronologicamente, os ataques ocorreram na respectiva ordem: Realengo em 2011, Suzano em 2019, Barreiras em 2022, Aracruz e Cambé em 2023. Em todos os episódios, os executores tinham alguma relação com a escola – nesses casos, eram alunos ou ex-alunos da instituição. Esses ataques resultaram em 26 vítimas fatais, dezenas de feridos, alguns dos quais se tornaram paraplégicos, além do suicídio de três perpetradores após a ação. Concernente à faixa etária dos envolvidos, o autor de Realengo estava com 21 anos; em Suzano, um estava com 17 anos e o outro com 25; já em Barreiras, era um adolescente de 14 anos; em Aracruz, era um jovem de 16 anos; por fim, em Cambé, o autor estava com 21 anos.

Esses ataques foram planejados sistematicamente, alguns por mais de um ano de antecedência. Esse dado em si já permite pensar o fenômeno num outro patamar, distinto das violências escolares cotidianas⁵, isto é, os conflitos, desentendimentos e casos de

⁵ No mapeamento dos ataques, observam-se dois episódios de feminicídio, em que a escolha de vitimar as adolescentes, ocorreu pelo fato de não estarem interessadas em se relacionarem pelos seus algozes.

“indisciplina” que fazem parte das relações de convivência. Nesses episódios, a escola foi escolhida como o espaço para sediar um ato de terror, e os sujeitos escolares, principalmente as adolescentes e professoras, foram os principais alvos.

O que temos - para além das vítimas diretas - é uma violência simbólica e objetiva contra à escola: simbólica pois é uma instituição que, na democracia, se forjou pelos princípios de solidariedade, segurança e coletividade e que, após o atentado, ficam estigmatizadas e têm as suas dinâmicas de trabalho afetadas. Professores e alunos ficam temerários com a possibilidade de um novo episódio, estudantes são transferidos para outros colégios e a comunidade escolar se torna descrente em relação à escola.

Como fenômeno cultural, os tiroteios em escolas têm alto valor simbólico. Embora realizados em números relativamente pequenos, as imagens e significados dos tiroteios em escolas são amplamente espalhados pelo mundo e, portanto, têm potencial para nutrir a imaginação coletiva de destruição e medo muito além de seu poder físico. O fato de os perpetradores serem tipicamente jovens intensifica os significados simbólicos associados aos tiroteios, e esses jovens (geralmente homens) não projetam harmonia e esperança, mas ameaçam a sensação de segurança e aumentam os sentimentos de desespero (Muschert & Sumiala, 2012, p. 16).

Definitivamente, os ataques escolares não estão na lógica de uma violência pontual, cessada ao fim da execução, já que eles reverberam de diversas maneiras entre os sujeitos envolvidos e seus familiares, resultando em traumas e prejuízos psicológicos que demandam tratamento de longo prazo. É importante ressaltar que, em todos os ataques, quando o Estado indenizou as vítimas e familiares, foi com valores módicos ou com uma curta oferta de assistência psicológica (Moura, 2023).

Ainda sobre o *modus operandi*, observa-se que os autores e mentores intelectuais elaboraram sua ação emulando uma operação terrorista: fazem incursões no espaço em ocorrerá o ataque, constroem parte do arsenal por meio de bombas caseiras, coquetéis *molotovs* e adaptações em armas brancas, estabelecem uma rede de contatos no mercado paralelo para a compra das armas de fogo, realizam ameaças veladas em algumas redes sociais e vão angariando o apoio de outros integrantes de grupos extremistas.

Nesses grupos extremistas que estão em ambientes virtuais, a exemplo de fóruns como o Dogolachan, os integrantes podem falar abertamente sobre o desejo de promover

um ataque. Nesse fórum, que hoje se encontra na *deep web*, os usuários organizam, discutem e fazem apologia a atos de violência, tais quais: feminicídio, estupro, maus tratos aos animais, defesa do neonazismo, pedofilia, entre outros crimes. Mesmo diante das clivagens desses grupos extremistas, alguns pontos em comum prevalecem: advogam uma supremacia em relação aos demais, defendem uma noção de masculinidade associada a uma espécie de “santidade”, fazem apologia ao extermínio e à segregação social, e se opõem a qualquer pauta considerada progressista, de esquerda ou marxista.

Já existem comunidades específicas, utilizadas para o propósito de estimular e incentivar os ataques escolares. No recente relatório *Conteúdos extremos nas redes sociais - Atrocidades no Discord* (2024), produzido pelas jornalistas Letícia Oliveira e Tatiana Azevedo, elas identificaram o seguinte:

O Discord tem sido utilizado pela subcomunidade “TCC” para recrutar, radicalizar e encorajar ataques a escolas. Esta subcomunidade - também presente no X (antigo Twitter), Tiktok, Telegram e Kwai - se autointitula “TCC” (do inglês *True Crime Community*”), mas não se refere a toda a comunidade que se interessa por crimes reais. Trata-se, na realidade, de uma parcela específica que glorifica e faz apologia aos crimes de atiradores em série, supremacistas brancos e autores de massacres escolares. No Discord, membros desta subcomunidade compartilham informações sobre armas, táticas e alvos, planejam ataques, divulgam vídeos e fotos sobre ataques a escolas e assassinatos em série e criam servidores com a finalidade específica de recrutar interessados em participar de ataques a escolas. Os ataques às escolas em Vitória (Espírito Santo, 2022), Barreiras (Bahia, 2022), Vila Sônia/São Paulo (São Paulo, 2023), Cambé (Paraná, 2023), Sapopemba/São Paulo (São Paulo, 2023) foram organizados na plataforma (2024, p. 24).

Nessas comunidades, a promoção de um ataque é reproduzida e retroalimentada por seus integrantes, sem qualquer constrangimento. E, à medida que se comunicam entre si, servem como uma espécie de inspiração e mentoria aos demais. O autor do ataque de Barreiras pontuou isso em seu Manifesto sobre a inspiração e troca de informações com o perpetrador da ação realizada em Vitória (ES) em 2022. Na época, o ex-aluno invadiu a escola com bombas caseiras, bestas e facas, mas logo foi contido e não conseguiu ferir ninguém. Reproduzimos abaixo parte do trecho em que ele admite a relação:

Em um grupo online, conheci alguém parecido comigo, parecido ao ponto de falarmos a mesma coisa ao mesmo tempo. Tamanha era nossa sincronia que pessoas da mesma

comunidade diziam que eu tinha 70% da personalidade dele [...]. Acabou que descobrimos que também **tínhamos tendências iguais, e que estávamos planejando a mesma coisa**, a partir dali, uma dupla épica acabara de se formar. Ele me desencorajou de fazer o que queria, disse que eu tinha de viver mais pois era novo, mas eu não levei suas vontades em conta, fazia aquilo independentemente de qualquer coisa. Continuamos conversando por um ano, até que ele decidiu pôr seu plano em prática, e falhou, falhou ao ponto de virar chacota. Não consigo descrever como foi minha decepção, e ela cresceu ainda mais quando o vi ser reduzido a só mais um doente qualquer. Entretanto, sua falha me deu frutos, enxerguei que, para ter sucesso em meus objetivos, precisaria elaborar bem mais meus planos. **Este homem de quem estou falando, é Henrique Lira Trad**, e ressalto que não foi ele que me fez cometer um **ato santo**, eu, e mais ninguém, decidi que seria uma ideia conveniente (Manifesto Barreiras, s/p, grifo nosso).

Durante a execução dos massacres escolares, é empregado o uso de diferentes tipos de armamentos (armas de fogo, facas e afins, coquetel *molotov*, bombas caseiras etc.), agudizando a experiência de terror entre os presentes, além de ser uma estratégia para ampliar o número de vítimas. Ainda sobre o *modus operandi* dos atentados, observa-se que as estratégias de surpresa e terror estão associadas a alguns recursos performáticos, entre eles o uso de uma indumentária típica da estética neonazista⁶ e paramilitar, o uso da máscara balaclava de caveira (*siege mask*), além de uma performance mimética inspirada no Massacre de Columbine. Essa cópia ou imitação da dinâmica do crime é comumente designada por *copycat crimes* (crimes por imitação) e refere-se a atos criminais imitados ou inspirados por crimes anteriores que receberam ampla cobertura na mídia ou que se tornaram notórios. Esses crimes ocorrem quando indivíduos replicam métodos, motivos ou símbolos daqueles realizados em momentos anteriores, buscando notoriedade ou motivados pela influência do crime original (Surete, 2015).

Em muitos ataques escolares, há uma espécie de emulação de outros tiroteios, sendo o incidente de Columbine a maior referência entre eles. Em 1999, na *Columbine High School*, em Littleton, Colorado (EUA) os estudantes Eric Harris e Dylan Klebold atacaram o colégio utilizando armas de fogo potentes. Após os explosivos implantados na cafeteria da escola terem falhado, eles adentraram o recinto e dispararam

⁶Parte dos símbolos que compõem a identificação dos membros e adeptos aos grupos neonazistas/supremacistas, estão a máscara de caveira, uma marca registrada da Divisão *Atomwaffen*, grupo neonazista criado nos Estados Unidos e também na Europa. Além de outros elementos, como o corte de cabelo, camisetas com símbolos rúnicos etc.

aleatoriamente contra colegas e professores. O ataque durou cerca de 49 minutos, dando fim à vida de 12 alunos e um professor, além de ferir outras dezenas de pessoas, antes de cometerem suicídio.

Muitos são os motivos para o Massacre de Columbine ter alçado esse *status* tão célebre entre tantos jovens pelo mundo. Podemos citar, com base em toda a investigação de Dave Cullen (2009), que o ataque de Columbine é o primeiro tiroteio dessa natureza transmitido ao vivo pela imprensa norte-americana. As imagens das câmeras internas foram divulgadas ao público externo, bem como durante as três horas em que os estudantes ficaram escondidos no interior do colégio, alguns estavam em seus celulares, conversando com jornalistas e familiares, fazendo uma transmissão simultânea da própria tragédia. Os vídeos, áudios e pormenores mórbidos do ataque foram divulgados e reproduzidos intensamente entre os jovens, que, em uma completa insensibilidade moral e emocional, passaram a consumir todo esse material audiovisual como se estivessem assistindo a uma produção ficcional. Desde as roupas utilizadas durante o crime até mesmo os supostos “trejeitos” e características “psicológicas” de Harris e Kleybold se tornaram fontes de inspiração e identificação⁷.

Essa espetacularização da violência é uma pista fulcral para o entendimento dos ataques escolares e da cultura juvenil, pois os perpetradores, ao realizarem registros em vídeos, manifestos e postagens, denotam o desejo de que seus atos e pensamentos sejam conhecidos, revelando que não buscam o anonimato, pelo contrário, querem que seus nomes e atos fiquem registrados nos “anais” da história. Essa tendência em transformar atos violentos em “espetáculos”, explorando a notícia para atrair a atenção do público, não apenas contribui para normalizar a violência, mas também a mercantiliza, transformando-a em um produto consumível. Guy Debord, em sua obra *A Sociedade do Espetáculo* (1967), forneceu uma estrutura teórica valiosa para entender esse fenômeno e que agora é revisitada por contemporâneos que se debruçam para compreender os atentados escolares pela lógica midiática.

⁷No inquérito policial do ataque de Cambé, um dos jovens envolvidos admitiu utilizar o nome Kleybold em suas contas e e-mails, pois se identifica demais com o jovem americano e que também é “depressivo”.

Tiroteios em escolas fazem e detonam notícias, e conforme as vítimas sangram, as notícias lideram. É exatamente a natureza performática e teatral da violência em tiroteios em escolas que os torna adequados para a mídia atual e sua batalha contínua para reter a atenção do público. Os ataques em escolas oferecem material visual dramático, às vezes produzido pelos próprios assassinos (!), descrições vívidas de testemunhas oculares e vítimas jovens inocentes para lamentar e se identificar. Na cobertura da mídia de tiroteios em escolas, as funções informativas e ritual se sobrepõem – para usar a formulação clássica de Carrey (1989) – e a mídia se torna um palco-chave para o drama público (Muschert & Sumiala, 2012, p. 17).

Abaixo, um post do autor do Ataque de Barreiras, elucidando os desdobramentos da cultura de espetacularização da violência. Esse jovem, que estava em grupos de ódio *online* e fazia *posts* discriminatórios e extremistas em suas redes sociais, informou, até mesmo de forma eufemística, sobre o ataque que promoveria.

Figura 1: Print do post feito no X (antigo Twitter)



Fonte <https://www.extraclasse.org.br/>

A experiência da cobertura midiática ocorrida em Columbine exemplifica que uma violência extrema noticiada e repercutida à exaustão pode ser “consumida” de forma insensível e como um mero produto midiático. Para muitas crianças e jovens espectadores, o Massacre de Columbine não foi lido como um ato terrorista e desumano, mas como uma resposta “legítima” para as práticas de *bullying* que muitos sofriam e ainda sofrem nas escolas. Como veremos adiante nos discursos dos perpetradores, há uma dimensão político-ideológica que os move, não sendo simples atos de uma vingança impensada, pelo contrário, revelando uma busca de sentido e de construção de identidade.

No episódio de Realengo, a Polícia Civil do Rio de Janeiro, divulgou parte dos vídeos e textos encontrados no computador do perpetrador. Adiante está a transcrição de um trecho dos vídeos, em que ele afirmou o seguinte: [...] A luta pela qual muitos irmãos morreram no passado, e eu morrerei, não é exclusivamente pelo que é conhecido como bullying. A nossa luta é contra pessoas cruéis, covardes, que se aproveitam da bondade, da inocência ou da fraqueza de pessoas incapazes de se defenderem."

Em uma das cartas, ele expressou o desejo de que os atentados se tornassem uma rede de combate, com investidas maiores, contando até mesmo com uma espécie de financiamento coletivo. Ao longo do texto, parabenizou Casey Heynes, um jovem de 15 anos, que, em 2011, teve um vídeo que se tornou viral pelo mundo, onde ele revida a agressão sofrida por outro estudante num colégio na Austrália. Depois, mais dois autores de atentados escolares são citados: o estudante coreano Cho Seung-Hui, que matou 32 colegas e professores no campus da Universidade Virginia Tech (2007), e Edmar Aparecido de Freitas, o autor do atentado em Taiúva (2003). Na carta, o autor manifesta a ideia de que os perpetradores são ícones de uma "luta contra infiéis" e sugere até mesmo uma rede de combate para a execução de mais atentados, deslocando o ato criminoso da esfera individual para uma ação coletiva.

Como o discurso de ódio e a espetacularização da violência operam na formação da juventude brasileira?

Butler (2021), em sua tese sobre as ambivalências do discurso de ódio, destaca os limites em abordar esses discursos na perspectiva de ser um "puro ato individual de fala", sendo necessário apreendê-los no bojo das constituições históricas e sociais. Nesse momento, testemunha-se uma propagação de discursos violentos e criminosos, voltados a diferentes grupos sociais, amparados sob o decrépito argumento de "liberdade de expressão". A violência de linguagem não é a própria violência física, conforme defende Butler (2021), mas é inegável a força que o discurso de ódio tem para mobilizar esses jovens e se tornar uma marca na formação identitária dos mesmos.

Sem muitas barreiras, as narrativas que desqualificam o outro pela injúria, que pregam sem qualquer constrangimento o extermínio de pessoas, tudo isso permeado por

vídeos e imagens de violência extrema - desde situação de maus tratos a animais a casos de pedofilia – são difundidas em redes como Discord, Instagram, X (antigo Twitter) além dos fóruns e *chans*. Observa-se uma adesão desses jovens a esses grupos, em que passam a consumir facilmente os chamados “conteúdos extremos” ou conteúdos *gore*. Conforme Oliveira e Azevedo (2024) explicam, os *chans*, tradicionalmente, são um dos principais repositórios de conteúdos extremos na internet. Também conhecidos como *imageboards* (IB), esses fóruns possuem uma interface simples e foram projetados para o compartilhamento anônimo de imagens e textos. Eles podem estar hospedados tanto na internet de superfície (*surface web*) quanto na *dark web*.

Nesses fóruns e comunidades, as menções de apologia ao nazismo são abundantes e estão de forma direta em muitos discursos ou por meio de símbolos. Neste trabalho, não será definido teoricamente o que é ser nazista ou neonazista, mas daremos alguns apontamentos gerais dessas perspectivas ideológicas para compreender como os jovens se posicionam nesse espectro. No nazismo e no neonazismo, observamos a defesa de uma suposta superioridade étnica (ariana), sustentada tanto na pseudociência eugenista, no darwinismo social, tal como numa fé neopagã, amparada na ideia de que descendem da figura de Wotan, um deus da mitologia nórdica. Dias (2018), ao expor os princípios do ideólogo neonazista David Lane, destaca:

Em muitas passagens, ele volta a falar da necessidade masculina de dominar as mulheres, e da poligamia como uma força da natureza para gerenciar as forças masculinas e tornar os homens heróis e guerreiros. Por toda essa evocação da virilidade, para Lane, qualquer desvio de seu programa é patológico. Ele acrescenta: *a homossexualidade é um crime contra a natureza. A natureza também repulsa relações sexuais inter-raciais* (Dias, 2018, p. 108).

A superioridade nazista se constrói em algumas premissas: a preservação dos privilégios e direitos da masculinidade branca, e a crença - cultivada de diferentes maneiras - da existência de um grupo responsável pela crise, tanto a vivenciada na década 1920 na Alemanha, como a atual. Essa responsabilização de um grupo, uma espécie de bode expiatório, Gay (2001) denominou de o “Outro conveniente”. A instrumentalização de um Outro conveniente, permeada de muitas paranoias e teorias conspiratórias, permite

aos extremistas e neonazistas endereçarem aos judeus, negros, deficientes, homossexuais e, na contemporaneidade, cada vez mais às mulheres feministas a culpa por toda a “decadência” moral e estrutural da sociedade.

Convém salientar que símbolos e princípios nazistas foram identificados nos materiais dos perpetradores. No episódio de Aracruz, em que a vida de três professoras e uma adolescente foram ceifadas, como registrado pelas câmeras, durante o ataque, o jovem estava todo paramentado com uma veste militar, de máscara e com uma suástica no braço. A Polícia Federal, na época, apreendeu integrantes neonazistas que estavam de alguma forma envolvidos com o ataque, afirmando: *“Ademais, o uso da cruz suástica na vestimenta do menor no momento do ataque demonstra a influência de ideologia neonazista recebida pelo grupo de aplicativo, reforçando a tese de que o atentado foi cometido por razões de intolerância a raça, cor e religião com o fim de provocar terror social, o que configura o crime de terrorismo”* (Maia, 2023, s/p).

Já no Manifesto intitulado *O pós-modernismo e suas consequências na nossa nação*, escrito pelo feitor do ataque de Barreiras, há um capítulo intitulado DIE JUDEN! (Os Judeus!), com trechos desta natureza: *“Eles até controlam a mídia pornográfica, que é envolvida com prostituição de menores, estupro, máfias e sequestros, onde basta um simples click para financiar essas atrocidades. Os judeus controlam nossas vidas cada vez mais [...]”*. Ele avança o texto manifestando todo o seu ódio, por meio de teorias conspiracionistas e muitas declarações misóginas, elencando as mulheres feministas como a personificação do “mal do século”:

Caso a cultura for a opinião da maioria, não há fendas para ervas daninhas, que querem enfiar suas opiniões degenerativas goela abaixo nas crianças, surjam. Essas tais ervas daninhas são, em maioria, liberais e esquerdistas - com esquerdistas, entende-se: **Progressistas, LGBTs, liberais, feministas, minorias e ativistas**, apesar que nem todos dessa lista podem ser classificados per si - são frágeis e se ofendem muito facilmente pois se acham inferiores e mais incapazes daqueles que obtiveram sucesso em suas vidas, assim como criam diversos movimentos brutescos e, em especial, **ressalto o feminismo como um dos mais nocivos e danosos movimentos esquerdistas já criados**, pois ele toma as dores de todas as outras minorias e, por consequência, maximiza o dano causado por cada uma delas (Manifesto – Atentado Barreiras, s/d, grifo nosso).

Concomitante à produção do manifesto, esse jovem era muito presente nas redes sociais, postando uma série de conteúdos preconceituosos e xenofóbicos.

Figura 2: Print do post feito no X (antigo Twitter)



Fonte <https://www.extraclasse.org.br/>

Esse argumento, de uma superioridade e até mesmo de “pureza”, estava nos discursos dos autores das tragédias de Realengo e Cambé, e advém da ideia de *sanctus*, presente nos discursos dos *incels* masculinistas. Embora não se tenha muita clareza sobre a origem desse discurso entre os jovens, a jornalista Camarini (2023) aponta a sua popularização a partir do grupo masculinista brasileiro denominado Homens *Sanctos*. Nesse coletivo, surgido na rede Orkut em 2010, os usuários usavam pseudolatim (*Actvm Sanctvm stuprvm*) e chamavam uns aos outros por nomes eclesiásticos (Camarini, 2023).

No caso do ataque de Cambé, ocorrido em 2023, transcrevemos áudios dos vídeos compartilhados por esses jovens nas redes sociais. No vídeo em questão, gravado com a ajuda de terceiros dias antes do atentado, o principal autor aparece entusiasmado, fazendo uma espécie de predição: “*Senhores, um Columbine brasileiro: casacão, camiseta com palavras ofensivas, armas automáticas, uma boa taxa de (inint) vítimas e suicídio final, bombas caseiras também, podemos esperar algo mais? Talvez. Em futuro bem próximo, mas por enquanto eu sou foda, seus filhos da puta*” (Transcrição nossa, 26 segundos).

Os indícios de um crime por imitação (*copycat crime*) estão por toda a fala, e ele se apresenta como uma versão brasileira dos atiradores de Columbine, vestido com roupas

que se assemelham às utilizadas por Eric Harris no dia do massacre e descrevendo um cenário de um futuro ataque, pautado também no ocorrido em Columbine. No segundo vídeo, com duração de 20 segundos, ele afirma: *“Eu vou pegar uma vadia de cabelo comprido, sabe, vou arrancar a cabeça dessa desgraçada e colocar no meu pescoço e sair andando pelo corredor da escola. Você sabe o que que é isso? Não é psicopatia, é prazer. Pra que que eu vou transar com uma mulher se eu posso estrupar ela (sic) (inint)”*.

A apologia ao feminicídio e ao estupro ganham contornos ainda mais sádicos quando associadas ao prazer. A misoginia presente no atentado de Cambé também estava no Massacre de Realengo e em outros casos. Os estudantes sobreviventes de Realengo relatam uma clara predileção do atirador em atirar na cabeça das meninas - na intenção de executá-las - enquanto, no caso dos meninos, os tiros foram pelo corpo. Em outros ataques dos quais se tem registro audiovisual (câmeras) ou relatos de testemunhas, registra-se a predileção na escolha de mulheres como alvo, a exemplo os ataques ocorridos em Salvador (2001), São Caetano do Sul (2011), Barreiras (2022), Sapopemba (2023), São Paulo (2023), dentre outros que estão sendo analisados. O maior número de vítimas do sexo feminino não é uma questão meramente circunstancial, pois há casos em que os meninos foram poupados durante o ataque.

As motivações ou a ancoragem ideológica que move esses jovens na promoção dos ataques às escolas brasileiras, partem de uma teia de variáveis, além de uma maior suscetibilidade psicológica para aderirem aos grupos de ódio, normalizarem o discurso e depois projetá-los em ação. O Relatório sobre a comunidade brasileira de glorificação de assassinos, atiradores escolares e supremacistas brancos (AAS) nas plataformas TikTok e Twitter de Shurig (2023) identificou o seguinte:

A atuação da comunidade online é relevante no contexto do aumento dos massacres em escolas no Brasil, uma vez que o monitoramento notou uma escalada na violência das publicações dos usuários do grupo. O autor do ataque em Barreiras (2022, Bahia) também era membro da comunidade no Twitter, além de seu suposto parceiro, H.L.T. Após o caso em Vila Sônia e a respectiva cobertura midiática, foram encontradas múltiplas postagens incentivando outros ataques, além de publicações violentas contendo discurso de ódio contra mulheres, apoio à necrofilia, ao abuso sexual/físico e à violência contra animais, além de incentivo aos próprios massacres escolares (Shurig, 2023, p. 2).

Quanto às motivações e variáveis que compõem o fenômeno dos ataques, identificamos nos discursos dos autores um ressentimento manifesto sob a forma de insatisfação em viver no atual tempo histórico. Sobre esse ressentir, François Dubet (2019), ao tratar do que ele denominou por paixões tristes, abre possibilidades explicativas para esse ressentimento observado entre os jovens e suas correlações com a própria percepção das desigualdades. Em suas palavras: *“Mais do que a mera amplitude das desigualdades, é a transformação do próprio sistema de desigualdades que fundamenta as expressões de cólera, ressentimento e indignação observadas na sociedade contemporânea”* (2019, p. 14). Dubet nos provoca a refletir que o ressentimento e o ódio estão conectados com as novas percepções acerca da desigualdade, ou seja, percepções cada vez mais individualizantes e que vêm alterando profundamente a forma como as compreendemos em nossas vidas cotidianas

É indiscutível que a agudização dos ataques escolares ocorre num momento histórico em que os grupos de extrema direita e a radicalização dos jovens espraiam-se pelas redes e ganham espaço nas escolas. Sobre essa realidade, Severo (2021) faz importantes apontamentos:

No Brasil contemporâneo, grupos de extrema direita, especialmente na educação básica, se caracterizam ainda pela rejeição à discussão sobre direitos humanos, diversidade, diferença e sexualidade no âmbito da escola, apresentando, via de regra, motivos religiosos como justificativa. Outra característica desses grupos de extrema direita que operam em situações limite, mas que não são raras, é a perseguição à profissionais da educação (Severo *et al.* 2021, p. 04).

Paradoxalmente, nos grupos extremistas dos quais esses jovens participam, o ódio, o ressentimento e a intimidação dos oponentes são o cerne do movimento, entretanto, as relações estabelecidas entre executores e mentores intelectuais promovem uma sensação de acolhimento, pertencimento e socialização das “angústias”, endereçando-as aos alvos vistos como responsáveis, ou, como denominado por Gay (2001), aos “outros convenientes”. Nos discursos produzidos sob a forma de vídeos e *posts*, observa-se que, para esses jovens, os ataques estão numa dimensão de justiça e fazem parte da busca por

um resgate a ordem e um combate ao estado de decadência social. A violência extrema imputada não é justificada como um ato de vingança, mesmo quando argumentam terem sofrido *bullying*, pelo contrário, é uma ação legítima, inscrita nas formas de justiça. O conteúdo das cartas segue o mesmo raciocínio, pois expressam uma ideia de justiça⁸ às supostas violências sofridas e ressentimentos experienciados - tratamos no plural, pois é em nome de um coletivo, de uma “irmandade”, que justificam a própria ação. Ao tratar dos interlocutores e sujeitos que promoveram atentados, o autor de Realengo usou o termo “irmãos”, não optando por vocábulos que remetiam à uma vingança, pois ele acreditava estar num combate, e, por isso, dadas as circunstâncias, sua ação é justificada e razoável.

É notável que os fóruns misóginos e extremistas dos quais os jovens participam mobilizam diferentes ressentimentos que não são ponderados à luz da criticidade e promovem um processo de radicalização da juventude brasileira, por meio de atores antidemocráticos cooptando cada vez mais crianças e pré-adolescentes para participarem desses espaços.

Considerações Finais

Os ataques escolares brasileiros estão inscritos nas formas de violência contemporâneas e envolvem uma parcela de jovens que se encontram num processo de radicalização política. Nos casos aqui apresentados, os perpetradores se valeram das práticas de *copycat crimes*, enaltecendo a tragédia de Columbine e fazendo apologias ao nazismo. Quanto à base ideológica presente nos materiais produzidos, constata-se uma miscelânea de discursos de ódio alinhavados por ideais neonazistas, princípios de misoginia e um claro flerte com a agenda da extrema direita.

Observa-se que, ao justificarem ou darem supostas explicações sobre as razões de promoverem os ataques, advogam acerca de uma ideia de justiça, uma vez que seus

⁸ É preciso considerar, que as práticas de justiça promovidas pela sociedade civil, resultam da conjunção de variados fatores, como a própria crise da representatividade das instituições públicas, a impunidade, e a ausência de políticas públicas eficazes, gerando na população uma sensação de insegurança, que precisa ser revertida, restabelecendo a ordem, que julgam estar ameaçada (Nunes, 2016).

atos não são frutos de vingança, mas de uma ação em nome de um coletivo. Outra característica observada, e que coaduna com os princípios da ideologia neonazista, é o argumento de uma supremacia ante os demais, expresso pela ideia de pureza, “*sanctus*” e outros qualificadores utilizados. A amplificação da agenda político-ideológica da extrema direita entre os jovens e a cooptação dos mesmos por grupos de ódio na internet alerta sobre a necessidade de problematizarmos os caminhos da cultura juvenil, bem como o estabelecimento de políticas públicas eficazes, que forcem a moderação das redes e mídias sociais com relação a conteúdos que violam os direitos humanos, além da urgência de um currículo escolar em que as disciplinas retomem princípios éticos e de conscientização sobre os prejuízos da banalização das violências.

Referências

- Abramovay, M., & Rua, M. G. (2004). *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME.
- Adorno, S. (1992). A socialização incompleta: Os jovens delinquentes expulsos da escola. *Sociedade civil e educação*, 125-134. Campinas: Papirus.
- Azevedo, S. (2013). *Violência na escola: O desafio de enfrentar o bullying e reconstruir a paz*. Brasília: Editora Kiron.
- Brasil. (2023). *Relatório final Ataques às escolas no Brasil: Análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. Portaria 1.089 de 12 de junho de 2023, Relator: Daniel Cara (USP). Brasília-DF.
- Bras, H. (2011, abril 10). “Ele me traiu”, diz mãe de autor de ataque em Taiúva, em 2003. *Estadão*, São Paulo. Notícias. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/ele-me-traiu-diz-mae-de-autor-de-ataque-em-taiuva-em-2003-imp/>
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: Uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Camarini, B. C. (2023). O mundo não tão secreto dos masculinistas. *Medium*. Disponível em: <https://medium.com/@b.camarini/o-mundo-nao-tao-secreto-dos-masculinistas-1fa3c997185c>
- Dias, A. (2018). *Observando o ódio: Entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane* (Tese de doutorado). Campinas, SP: [s.n.].
- Dubet, F. (2019). *O tempo das paixões tristes*. São Paulo: Vestígio.

- França, C. E. (2008). *O linchamento de Edson Neris da Silva: Reelaborações identitárias dos skinheads carecas do Brasil na sociedade paulista contemporânea* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências.
- Gay, P. (2001). *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Guimarães, Á. M. (1990). *A depredação escolar e a dinâmica da violência* (Tese de doutorado). Faculdade de Educação da UNCAMP.
- Larkin, R. (2009). The Columbine legacy: Rampage shootings as political acts. *American Behavioral Scientist*, 52, 1309–1326.
- Maia, E. (2023). PF faz operação contra grupo neonazista que teria induzido autor de ataque em escola em Aracruz. *CNN Brasil*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pf-faz-operacao-contra-grupo-que-compartilhava-conteudo-extremista-em-redes-sociais/>. Acesso em: 04/05/2024.
- Moura, B. M. S. (2023). *Narrativas sobre a experiência de um massacre escolar: Perspectivas diante do traumático* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Paulo, Instituto de Saúde e Sociedade, Santos.
- Muschert, G. W. (2007). Research in school shootings. *Sociology Compass*, 1(1), 60-80. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2007.00008.x>
- Muschert, G., & Sumiala, J. (Eds.). (2012). *School shootings: Mediatized violence in a global age* (Studies in media and communications; No. 7). Emerald Group Publishing.
- Nunes, D. (2016). Controle social e as práticas de ‘justiçamento’ pela sociedade civil no Brasil. *XIII Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, UNISC*. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/16122/4013>
- Oliveira, L., & Azevedo, T. (2024). *Conteúdos extremos nas redes sociais - Atrocidades no Discord* (Relatório Sleeping Giants Brasil).
- Quiroga, F. L., & Vitalle, M. S. S. (2013). O adolescente e suas representações sociais: Apontamentos sobre a importância do contexto histórico. *Temas Livres - Physis*, 23(3). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/8F4JDSPHQTkgzmYCWRsz9Rf/#>
- Schilling, F. (2004). *Sociedade da insegurança, violência na escola* (1. ed.). São Paulo: Editora Moderna.
- Severo, R. G., Weller, W., & Araújo, G. C. (2021). Jovens de direita e extrema-direita: Posicionamentos políticos no ensino médio. *Revista Linhas Críticas*, 27(jan-dez).
- Sposito, M. P. (1998). A instituição escolar e a violência. *Cadernos de Pesquisa*, 104, 58-75.
- Sposito, M. P. (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, 27(1), 87-103.

- Surete, R. (2015). *Media, crime, and criminal justice: Images, realities, and policies*. Stamford, CT: Cengage Learning. Disponível em: https://archive.org/details/mediacrimecrimin0000sure_b0b3
- Tonso, K. L. (2009). Violent masculinities as tropes for school shooters: The Montreal massacre, Columbine attack, and rethinking schools. *American Behavioral Scientist*, 52(9), 1266–1285.
- Vinha, T., et al. (2023). *Ataques de violência extrema em escolas no Brasil: Causas e caminhos* (Livro eletrônico, 1ª ed.). São Paulo: D3e.
- Wieviorka, M. (1997). O novo paradigma da violência. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, 9(1), 5-41.
- Zaluar, A. (Org.). (1992). *Violência e educação*. São Paulo: Livros do Tatu/Cortez.

Recebido: 21/11/2024

Aceito: 14/03/2025

Publicado: 20/06/2025

NOTA: A autora foi responsável pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.